



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 21/02/2025 e 27/02/2025

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (PPGDR/FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
21/02/2025	10,39	294,80	46,81	5,90	4,91
24/02/2025	10,29	291,80	45,70	5,79	4,82
25/02/2025	10,31	293,80	45,44	5,72	4,79
26/02/2025	10,24	293,40	44,97	5,66	4,78
27/02/2025	10,22	290,90	44,75	5,46	4,64
Média	10,29	292,94	45,53	5,71	4,79

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Nonoai	124,00	
RS – Não Me Toque	124,00	
PR – Pato Branco	124,50	
PR – M.C.Rondon	121,00	
MT – C.N.Parecis	103,00	
MS – Maracaju	118,00	
GO - Rio Verde	112,00	
BA – L.E.Magalhães	112,50	
MILHO(**)		
Porto de Santos	73,00	CIF
Porto de Paranaguá	SC	CIF
Porto de Rio Grande	SC	
RS – Não-Me-Toque	67,00	
SC – Rio do Sul	70,00	
PR – M.C.Rondon	67,00	
PR – Pato Branco	70,50	
MT – C.N.Parecis	66,00	
MS – Maracaju	74,00	
SP – Itapetininga	86,00	
SP – Campinas	88,00	CIF
GO – Rio Verde	67,00	
GO – Jataí	67,00	
TRIGO (**)		
RS – Nonoai	69,00	
RS – Não Me Toque	70,00	
PR – Pato Branco	74,00	
PR – M.C.Rondon	74,00	

Período: 26/02/2025

SC=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 27/02/2025**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	67,69	125,40	68,55

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
27/02/2025**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	94,85
Feijão (saco 60 Kg)	228,89
Sorgo (saco 60 Kg)	58,00***
Suíno tipo carne (Kg vivo)	6,60
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,53**
Boi gordo (Kg vivo)*	10,85

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Dezembro/24, cf. Cepea/Esalq

(***) Cf. Notícias Agrícolas

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da Emater.

MERCADO DA SOJA

Neste final de fevereiro, as cotações da soja em Chicago recuaram. O primeiro mês cotado chegou a US\$ 10,22/bushel a quinta-feira (27), contra US\$ 10,45 uma semana antes. Registre-se também um recuo no farelo e no óleo de soja naquela Bolsa, com o primeiro perdendo 7,4% de seu valor nos últimos 16 dias úteis nos EUA, enquanto o óleo perdeu 5,4% nos últimos sete dias úteis.

Nos EUA, por ocasião do tradicional Fórum Outlook de fevereiro, o USDA informou que a área a ser semeada com soja recuará para 34 milhões de hectares, contra 35,3 milhões no ano anterior, enquanto o mercado esperava um corte maior. Já para o milho, a área deverá passar de 36,7 milhões para 38,05 milhões de hectares, ficando acima da expectativa do mercado. A área de trigo também foi estimada maior, passando de 18,7 para 19,02 milhões de hectares, ficando levemente acima da média das expectativas do mercado. De forma geral, estes números, que não são os definitivos, "vieram acima da média das estimativas projetadas pelo mercado, porém, dentro do intervalo entre as projeções máximas e mínimas", fato que ajudou às baixas nas cotações.

Já no Brasil, com o Real se desvalorizando para a casa dos R\$ 5,83 por dólar, os preços se mantiveram estáveis, com leve viés de alta em algumas regiões. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 125,40/saco, enquanto as principais praças locais praticaram R\$ 124,00. Nas demais regiões do país os preços médios oscilaram entre R\$ 103,00 e R\$ 124,50/saco.

Até o início da presente semana a colheita nacional de soja teria alcançado 37,6% da área semeada, contra a média histórica de 36,9% para o período. Com as chuvas diminuindo no Centro-Oeste a colheita acelerou nos últimos dias (cf. Pátria AgroNegócios).

Enquanto isso, a produção final de soja continua sendo estimada no intervalo entre 166 e 171 milhões de toneladas, dependendo da estimativa que se faz da quebra no Sul do país. Enquanto a consultoria AgRural aponta 168,2 milhões de toneladas neste momento, a Hedgepoint Global Markets indica 171,5 milhões de toneladas, justificando que as perdas no Sul serão compensadas por melhoria na produtividade nas demais regiões produtoras do país. Vamos esperar o final da colheita para conferirmos esta expectativa positiva, porém, consideramos que as perdas no Sul do país, especialmente no Rio Grande do Sul, e também no Mato Grosso do Sul, são muito fortes para serem plenamente compensadas pelas demais regiões produtoras nacionais.

Por sua vez, segundo a Secex, as exportações de soja diminuíram o ritmo em fevereiro, estando 29% abaixo do registrado em todo o mês de fevereiro do ano passado. Até a terceira semana do corrente mês, o país havia exportado 3,7 milhões de toneladas de soja em fevereiro, contra um total de 6,6 milhões em todo o mês de fevereiro do ano passado. Lembrando que a colheita começou mais tarde neste ano.

Enfim, chamar novamente a atenção para algo que há alguns anos preocupa, mas que pouco se fala aqui no país. Abordamos isso no comentário passado, a partir de um estudo divulgado pela agência Reuters nos EUA.

Segundo o referido estudo, o Brasil, maior produtor e exportador de soja do mundo, “aumentou o plantio da oleaginosa por 18 anos consecutivos, numa sequência impressionante e inigualável no setor. Mas por quanto tempo mais o Brasil pode continuar aumentando a área antes de potencialmente entrar em uma situação de excesso de oferta?”

Os Estados Unidos enfrentaram um cenário semelhante há alguns anos. Por volta de 2000, os Estados Unidos eram responsáveis por pelo menos 50% das exportações mundiais anuais de soja, e o Brasil fornecia pouco menos de 30%. O Brasil assumiu o posto de maior exportador de soja em 2012-13, após uma série de três anos de quebra de safra nos Estados Unidos, e foi nessa época que se observou alguns dos maiores aumentos anuais na área de soja do Brasil. A partir daí, nosso país jamais deixou de ser o principal exportador, e atualmente responde por cerca de 57% das exportações, enquanto a participação dos EUA caiu para 28%.

“Uma década atrás, a demanda chinesa por soja estava crescendo, e os suprimentos mundiais de soja eram consistentemente superestimados como resultado. Os agricultores dos EUA, em 2017, aumentaram os hectares de soja semeados, ao redor de 8% acima do recorde do ano anterior. Eles quase repetiram esse feito em 2018, apesar dos níveis de estoque muito abundantes, porque a dinâmica do mercado, especificamente os preços elevados da soja em relação ao milho, exigia isso. Tal situação provavelmente produziria suprimentos onerosos por si só, mas acabou sendo muito mais desastroso quando os Estados Unidos e a China mergulharam em uma guerra comercial, em meados de 2018, provocada por Donald Trump em seu primeiro mandato como presidente dos EUA, sufocando as exportações daquele país. Para piorar a situação, houve a queda na demanda chinesa por soja devido ao surto de doenças em seus rebanhos de suínos.”

Como resultado, os estoques de soja dos EUA, em meados de 2019, subiram mais de 60% acima do recorde anterior, embora o mercado tenha sido resgatado de uma situação incontrolável de longo prazo por uma perda acentuada de área plantada devido ao clima em 2019.

As plantações de soja dos EUA nunca voltaram ao pico de 2017. Isso é especialmente verdade este ano, com os preços do milho excepcionalmente fortes em relação à soja, que muitos agricultores estão lutando para achar lucrativa. Desde o início de 2024, os futuros da soja em Chicago caíram quase 20%. Mas, precificados em reais brasileiros, os grãos caíram apenas 5% neste período, sinalizando para o agricultor brasileiro continuar produzindo safras maiores. O forte enfraquecimento do real ao longo de 2024 foi favorável aos produtores brasileiros, que vendem suas safras em dólares.

Mais de 70% das exportações anuais de soja do Brasil vão para a China, o maior comprador mundial. Ao longo de sua sequência de 18 anos, a área de soja do Brasil aumentou em 130%. Ao mesmo tempo, o consumo de soja da China aumentou 175%, embora as taxas de crescimento recentes não sejam tão fortes quanto eram há uma década. No entanto, o consumo global total de soja aumentou apenas 80% nos últimos 18 anos, destacando o grau cada vez maior em que a indústria de soja do Brasil depende da China. Obviamente essa estratégia funcionou até agora, mas é uma tendência confiável? A economia em arrefecimento da China permite algumas dúvidas.

A taxa de crescimento econômico anual da China vem desacelerando há quase duas décadas, e espera-se que essa redução continue ao longo desta década. Além disso, a população da China em 2024 caiu pelo terceiro ano consecutivo. E a China, nos últimos anos, tomou medidas para reduzir diretamente a demanda por soja e a dependência de importações, cortando as rações de farelo de soja na ração animal.

Esta não é exatamente a China que o mercado global de soja conheceu no passado, e a indústria de soja dos EUA está ciente desses acontecimentos desde a primeira guerra comercial, embora com certa relutância. Mas os riscos de longo prazo podem estar no Brasil, que ainda precisa descobrir em que momento sua produção, em constante crescimento, não encontrará mais suficientes consumidores, a começar pela possível redução na demanda chinesa (cf. Karen Braun, analista de mercado da Reuters).

Nosso alerta é que, se isso ocorrer (talvez o mais correto seja dizer quando isso ocorrer) a tendência será produzir menos, se adequando à demanda para não derrubar demais os preços. Nesse momento, as regiões brasileiras e seus produtores menos competitivos serão excluídas do mercado. Por enquanto, a aposta para impedir essa futura situação está na Índia e que ela venha a substituir ou complementar o que a China deixará de importar. Mas as características econômicas indianas são completamente diferentes das chinesas, o que exige muita atenção sobre o que pode estar vindo para o setor nos próximos anos.

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho cederam bastante em Chicago nesta semana. O fechamento desta quinta-feira (27) ficou em US\$ 4,64/bushel, para o primeiro mês cotado, contra US\$ 4,98 uma semana antes.

Neste ano, os produtores estadunidenses deverão plantar mais milho e menos soja, esperando um lucro maior e buscando escapar dos efeitos das tarifas comerciais prometidas por Donald Trump. De fato, por enquanto a lucratividade relativa do milho está melhor, porém, nada de excepcional e garantido para o futuro próximo. Mas, sem dúvida, o milho se apresenta melhor em rentabilidade futura nos EUA. Além disso, os estoques mundiais de milho devem atingir a maior baixa em uma década neste ano, sem falar que mais milho dos EUA fica no país do que soja, tornando o milho uma melhor proteção contra tarifas. Como já dito anteriormente, segundo o Fórum Outlook deste final de fevereiro, a área a ser semeada com soja recuará para 34 milhões de hectares, contra 35,3 milhões no ano anterior, enquanto o mercado esperava um corte maior. Já para o milho, a área deverá passar de 36,7 milhões para 38,05 milhões de hectares, ficando acima da expectativa do mercado.

Apesar destas estimativas extra-oficiais, a questão é saber de fato quanto mais de milho será semeado. Existem alertas de que o mercado pode se surpreender, pois o aumento pode ser menor do que o esperado. Pelo sim ou pelo não, o fato é que no dia 31/03 o USDA divulgará a intenção de plantio oficial do produtor dos EUA, para esta próxima safra de verão naquele país, o qual inicia já em abril com o milho.

E no México, dentro do contexto da nova guerra comercial imposta por Donald Trump, o governo local acaba de proibir o plantio do milho transgênico. A iniciativa da presidente mexicana Claudia Sheinbaum ocorre depois que um painel de disputas comerciais decidiu em dezembro que as restrições do México ao milho transgênico, importado principalmente dos Estados Unidos, violam o Acordo EUA-México-Canadá. Agora, com a medida, o milho nativo é rotulado como um "elemento de identidade nacional" e o milho transgênico é oficialmente proibido de ser plantado no México. O México compra cerca de US\$ 5 bilhões em milho transgênico dos EUA a cada ano, principalmente para ração animal. Alguns analistas consideram que a decisão, se realmente implementada, pode gerar uma nova controvérsia com os EUA porque também se refere ao uso de milho transgênico, e não apenas ao plantio do grão.

E no Brasil, os preços do milho seguem firmes. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 67,69/saco, enquanto nas principais praças nacionais o cereal esteve cotado entre R\$ 66,00 e R\$ 86,00/saco. Na B3, as principais cotações giraram entre R\$ 73,15 e R\$ 83,70/saco, com o contrato de março/25 atingindo o seu maior valor histórico na última semana.

O impulso nos preços se deve a menor disponibilidade do cereal no mercado livre nacional e do maior interesse de compradores. Segundo pesquisadores do Cepea, vendedores estão atentos às recentes valorizações e à demanda aquecida e, com isso, se retraem do mercado, à espera de novas valorizações. Já consumidores têm tido dificuldades para recompor seus estoques e vêm esbarrando nos preços elevados no atual período.

Segundo a Conab, a relação estoque sobre o consumo interno de milho estava em 2,5% no final de janeiro, patamar nunca antes registrado no Brasil. Até então, a menor relação havia sido registrada em janeiro de 2012, quando os estoques eram equivalentes a 4,1% do consumo anual.

Nesse ambiente, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa subiu significativos 13,1% na parcial de fevereiro (até o dia 24), fechando a R\$ 84,85/saco naquele dia, o maior patamar nominal desde março de 2023. Na parcial do ano (até dia 24 de fevereiro), o Indicador acumula forte avanço de 16,7%. Vale destacar que, especificamente entre 14 e 24 de fevereiro, o Indicador teve forte acréscimo de 6,2%.

Por sua vez, segundo a AgRural a área semeada com a safrinha 2025 estava 64% plantada no centro-sul brasileiro no início da presente semana. Já a Conab aponta uma área menor, com 53,6% semeado até o dia 23/02. Segundo ela, o plantio estaria realizado no Mato Grosso (67,7%), Paraná e Goiás (56%), Tocantins (50%), Maranhão (30%), Mato Grosso do Sul (27%), Piauí (26%) e Minas Gerais (21,4%).

Já a exportação de milho pelo Brasil deve alcançar 1,29 milhão de toneladas, segundo a Anec. Enquanto isso, a Secex informou que nos primeiros 15 dias úteis de fevereiro o Brasil exportou 1,2 milhão de toneladas de milho, lembrando que em todo o mês de fevereiro do ano passado a exportação alcançou 1,7 milhão de toneladas. Por enquanto, a média diária de exportação está 11,2% abaixo daquela registrada em fevereiro do ano passado. O comportamento futuro das exportações nacionais de milho dependerá da safra que vem entrando no mercado, mas principalmente do resultado da segunda safra, a conhecida safrinha.

No Mato Grosso, segundo o Imea, mesmo com mais de 67% da área semeada, a safrinha sofre um atraso de 13,2 pontos percentuais neste momento. Tal atraso se deve, especialmente, ao atraso na colheita da soja, o qual se deveu ao atraso no plantio da oleaginosa e ao excesso de chuvas no momento da colheita da mesma. O problema é que o restante do plantio do milho local já está entrando na chamada janela de risco climático, pois a janela ideal se encerrou dia 28/02.

Enfim, segundo o Deral, até o dia 24/02 o plantio da safrinha no Paraná atingia a 65% da área esperada, enquanto a colheita da safra de verão chegava a 42% da área.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, nesta semana, cederam bastante, com o bushel fechando a quinta-feira (27) em US\$ 5,46, após US\$ 5,85 uma semana antes.

A tendência para meses futuros seria de baixa nas cotações do cereal, apesar da redução na safra russa. Isso porque a produção em outras regiões do mundo estaria compensando, levando a produção mundial total para 793,8 milhões de toneladas. Além disso, caso ocorra um acordo de paz entre Rússia e Ucrânia, o qual vem sendo lentamente negociado, a oferta de trigo tende a aumentar, pressionando ainda mais os preços para baixo.

Em paralelo, a Índia, que é o segundo maior produtor mundial de trigo, entra agora no verão e o calor está acima da média naquele país. Em isso permanecendo, haverá prejuízos nas lavouras locais do cereal. A Índia está contando com uma colheita elevada em 2025 para evitar importações caras, após três anos consecutivos de baixa produtividade. Mas as altas temperaturas atuais podem impedir que isso aconteça neste ano, levando a um quarto ano consecutivo de frustrações na sua safra de trigo. Neste mês de fevereiro os preços do trigo indiano atingiram a um recorde devido a baixa oferta.

E no Brasil, os preços se mantêm firmes, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 68,55/saco, enquanto as principais praças oscilaram entre R\$ 69,00 e R\$ 70,00/saco. Já no Paraná o produto registrou média de R\$ 74,00/saco nas principais regiões de produção.

Na prática, os compradores estão com dificuldades em encontrar o cereal de qualidade no mercado livre e, com isso, priorizam as aquisições externas. Vendedores, com baixos estoques, estão afastados dos negócios, na expectativa de cotações maiores nos próximos meses, ainda de entressafra brasileira. Com isso, as negociações envolvendo trigo de qualidade superior (maior ou igual a PH 78) estão limitadas (cf. Cepea).

Por outro lado, o governo brasileiro volta a fazer estoques de trigo. Cerca de 7.200 toneladas do cereal foram adquiridas pela Conab, de produtores do Rio Grande do Sul. A compra foi realizada por meio do mecanismo de Aquisição do Governo Federal (AGF), previsto na Política de Garantia de Preços Mínimos (PGPM), lançado ainda no ano passado como forma de assegurar o preço mínimo aos agricultores gaúchos,

quando o preço do cereal se encontrava abaixo do preço mínimo estabelecido pelo Governo Federal. Estão sendo investidos, no total, R\$ 11,78 milhões, sendo R\$ 9,97 milhões nas aquisições, incluindo ICMS, e R\$ 1,8 milhão em remoção.

A aquisição do grão é realizada no pólo de compra aberto pela Companhia na cooperativa Cotripal, localizada no município de Panambi. Logo após adquirido, o cereal é removido pela estatal para a unidade armazenadora da Companhia em Ponta Grossa, no Paraná. Por dia, uma média de 15 caminhões saem do município gaúcho. O Governo Federal não descarta fazer novas aquisições de produtos alimentares de forma a reforçar os estoques públicos do país.

Dito isso, o ritmo de negócios segue lento no mercado brasileiro de trigo. A base de compra no Paraná está em torno de R\$ 1.500,00/tonelada (R\$ 90,00/saco) no FOB, enquanto no Rio Grande do Sul gira em torno de R\$ 1.350,00 (R\$ 81,00/saco).

Por outro lado, segundo a Anec, o Brasil deverá embarcar 553.709 toneladas de trigo de baixa qualidade neste mês de fevereiro. No mesmo mês do ano passado, as exportações somaram 538.406 toneladas. Já em janeiro passado, totalizaram 657.691 toneladas. Por sua vez, de acordo com a Anec, no acumulado do atual ano comercial (agosto de 2024 a fevereiro de 2025), as importações brasileiras de trigo estariam atingindo 3,9 milhões de toneladas. Assim, para alcançar os 6,85 milhões de toneladas necessários ao abastecimento, o país precisará importar mais 2,94 milhões de toneladas nos próximos cinco meses. No mesmo período do ano anterior, foram adquiridas 2,87 milhões de toneladas (cf. Agência Safras e Canal Rural).